



INSTITUTO IGARAPÉ

a think and do tank

Notas de Homicídios 4

Homicídios de **Crianças e Adolescentes no Brasil**



Julio Jacobo Waiselfisz

Autor do Mapa da Violência e coordenador da área de estudos sobre violência da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO)

Sumário

- 1 **Resumo**
- 2 **Introdução**
- 3 **Metodologia**
- 5 **Homicídios de Crianças e Adolescentes**
- 16 **Considerações finais**
- 17 **Referências**



Homicídios de Crianças e Adolescentes no Brasil

Julio Jacobo Waiselfisz

Resumo

Além de campeão de assassinatos em números absolutos no mundo, o Brasil também apresenta taxas elevadas de violência letal contra crianças e adolescentes. Esta Nota de Homicídios mostrou que houve um aumento exponencial no número absoluto e na taxa de homicídios de crianças e jovens de 1980 a 2014, de 476,4% e 485% respectivamente. A violência, nestes casos, não está homogeneamente distribuída. Há uma concentração de estados com as taxas mais altas no Nordeste, sendo negros e jovens de 16 e 17 anos as principais vítimas, em especial, homens.

Introdução

O Brasil está passando por uma epidemia de homicídios. Não obstante o arcabouço normativo focado na proteção e cuidados especiais de crianças e adolescentes¹, o homicídio é a sua principal causa de morte. Entre 1980 e 2014, 218.580 crianças e adolescentes foram assassinados no Brasil. Atualmente, o país é o terceiro em assassinato de crianças e jovens no mundo, precedido somente por México e El Salvador.

Esta Nota de Homicídios foca no escopo, escala e dinâmica da violência homicida envolvendo crianças e jovens no Brasil. Alguns dos principais achados são:

- De 1980 a 2014, o número absoluto de homicídio de crianças e adolescentes apresentou um crescimento de 476,4%, e as taxas de homicídio, um aumento de 485%.
- As estratégias de controle de armas de fogo, como o Estatuto do Desarmamento, tiveram um impacto no ritmo de crescimento da taxa de assassinato de crianças e jovens. Entre 1980 e 2003, observou-se um aumento médio anual de 6,2%. Já entre 2003 e 2006, as taxas diminuíram em um ritmo médio anual de 3,3%. No entanto, elas voltam a crescer a partir de 2006. Entre 2006 e 2011, o crescimento médio anual se mantém estável em 3,8%. E, de 2011 em diante, a média anual de crescimento sobe abruptamente para 8,9%.
- A incidência da violência homicida ao longo dos ciclos de vida de crianças e adolescentes não é homogênea. Ela é maior no primeiro ano de vida e, em especial, na adolescência. Em 2014, 10 adolescentes de 16 e 17 anos foram violentamente assassinados por dia.

1 Ver: Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948); Declaração Universal dos Direitos da Criança de 1959; Constituição Federal art. 227 (1988); Estatuto da Criança e do Adolescente (1990).

- A distribuição geográfica dos homicídios é diversificada. No entanto, há uma concentração no Nordeste, seis entre os dez estados com maiores taxas de homicídios de crianças e adolescentes são dessa região.
- A concentração demográfica da violência entre vítimas do sexo masculino é profunda. Aproximadamente 92% das vítimas entre 0 e 19 anos pertencem ao sexo masculino. Esta porcentagem chega a 95% a partir dos 17 anos.
- A imensa maioria das vítimas é negra. Morreram 195,3% mais negros do que brancos, o que corresponde a 3 crianças e adolescentes negras para cada branca. Esta proporção varia de estado para estado. No Piauí, por exemplo, morrem cerca de 20 crianças e adolescentes negras por cada branca. Já em Alagoas, são 15.

Esta Nota de Homicídios está dividida em três seções principais. A primeira delas aborda a metodologia e fontes utilizadas para análise dos dados. A segunda apresenta as principais tendências com relação ao assassinato de crianças e adolescentes. A última apresenta as principais conclusões do estudo e uma reflexão específica sobre a faixa etária de 16 e 17 anos, alvo de controvérsias em razão do debate sobre a maioridade penal no Congresso brasileiro.

Metodologia

A coleta de dados de homicídios é complicada em todos os países. Com frequência, a informação não está disponível pois é considerada politicamente sensível e um tabu social. Em outros casos, os dados são somente esporadicamente coletados e sistematizados.

A estas dificuldades, somam-se os desafios de cálculo de taxas por faixa etária, em razão da inconsistência dos dados referentes à população por idade. Para efeitos de análise, optou-se por trabalhar com dados para faixas etárias quinquenais. No contexto do presente estudo, entenderemos como criança e adolescente as pessoas de 0 até 19 anos de idade.²

As fontes dos dados utilizados para a elaboração do presente estudo são:

- **Homicídios no Brasil** - Foram utilizadas especificamente as categorias X85 a Y09: agressões intencionais (homicídios) das bases de dados do Sistema de Informações de Mortalidade (SIM) do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (Datasus) / Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS) do Ministério da Saúde do Brasil;
- **Homicídios Internacionais** - Foram utilizadas as mesmas categorias das bases de mortalidade obtidas do Sistema de Informações da Organização Mundial da Saúde (WHOSIS/OMS).
- **População Brasil** - Para o cálculo das diversas taxas de homicídio, foram utilizados os censos demográficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)³ e as estimativas intercensitárias, disponibilizadas pelo Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (Datasus).⁴ Até a data em que a análise foi realizada, o Datasus produziu dados até 2012; para os anos subsequentes foram realizadas estimativas por interpolação linear entre os censos do 2000 e 2010. Para as estimativas de população por raça/cor foram utilizadas as projeções de população da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD/IBGE).

2 O Estatuto da Criança e do Adolescente define os limites etários de cada uma das categorias: criança, é a pessoa com até 12 anos de idade incompletos, e adolescente, aquela dos 12 até os dezoito anos de idade.

3 Ver <http://www.ibge.gov.br/home>.

4 Ver <http://datasus.saude.gov.br>.

- **População Internacional** - Para o cálculo das taxas de mortalidade dos diversos países do mundo, foram utilizadas as bases de dados de população fornecidas pelo próprio WHOSIS. Contudo, perante a existência de lacunas, para os dados faltantes foi utilizada a Base Internacional de Dados do Census Bureau dos Estados Unidos.⁵

Homicídios de Crianças e Adolescentes

Segundo os registros do Ministério da Saúde, entre 1980 e 2013 foram assassinadas no Brasil 218.580 crianças e adolescentes, com uma intensidade crescente ao longo do tempo. Em 1980 foram 1.825 homicídios; já em 2014, o número aumentou em seis vezes e passou para 11.142, o que representa 30,5 homicídios diários. Ao se comparar este crescimento, que corresponde a 510,5%, ao exíguo aumento de 4,2% na população de crianças e adolescentes, podemos inferir o drástico crescimento real dos assassinatos de jovens.

Por vezes, é difícil dimensionar a escala e o significado desses números. Para colocar em perspectiva, é o equivalente a três massacres de Realengo por dia no país. Este massacre refere-se ao tiroteio que deixou 12 alunos entre 13 e 16 anos mortos em uma escola no bairro de Realengo da Zona Oeste do Rio de Janeiro. O jovem atirador entrou armado na Escola Municipal Tasso da Silveira e atirou nos colegas antes de se suicidar. O fato causou comoção no país e forte repercussão internacional.

A velocidade com que a taxa de homicídio cresceu no Brasil é impressionante. De 1980 a 2014, a taxa de homicídio da população

⁵ Disponível em: <http://www.census.gov/ipc/www/idb/summaries.html>. Acesso em: jul.2015.

na faixa de 0 a 19 anos de idade passou de 3,1 por 100 mil habitantes para 18,1 - um salto de 483,9%. Este crescimento não foi consistente ao longo do tempo, como mostram a Tabela 1 e o Gráfico 1. De fato, entre 1980 e 2003, há um crescimento quase ininterrupto das taxas de homicídio de cerca de 6,2% ao ano. A partir de 2003, as taxas passam por uma redução de 3,3% ao ano, o que pode ser atribuído às estratégias de controle de armas de fogo iniciadas no período.⁶ No entanto, de 2006 em diante, reinicia-se a escalada de homicídios, com um ritmo de 3,8% ao ano até 2011. Com a crescente crise econômica e política, as taxas de homicídio aumentaram ainda mais a partir de 2012, alcançando um crescimento médio anual de 8,9%.

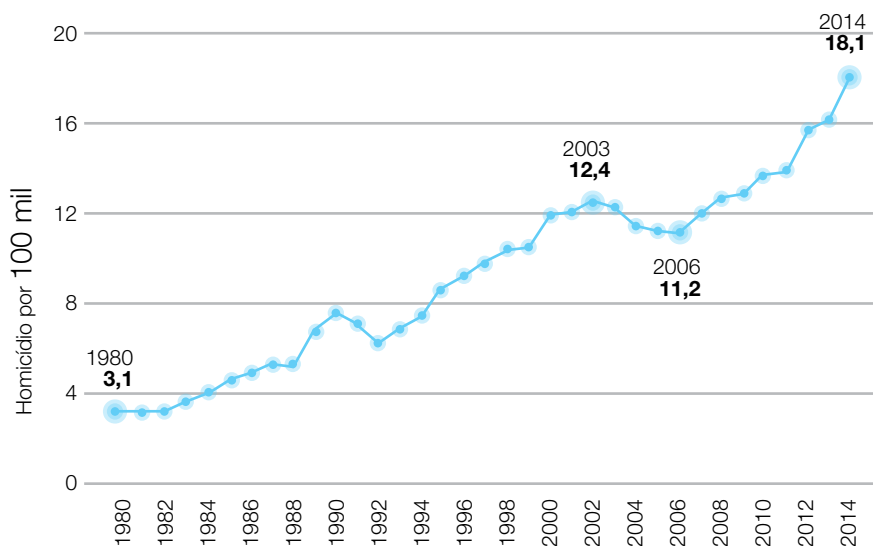
Tabela 1. Evolução do número e das taxas de homicídio (por 100 mil) de crianças e adolescentes (0 a 19 anos de idade). Brasil, 1980-2014

| Ano | N. | Taxa | Ano | N. | Taxa |
|------|-------|------|--------------------|----------------|------|
| 1980 | 1.825 | 3,1 | 2001 | 8.480 | 12,2 |
| 1981 | 1.920 | 3,2 | 2002 | 8.817 | 12,6 |
| 1982 | 1.899 | 3,2 | 2003 | 8.787 | 12,4 |
| 1983 | 2.266 | 3,7 | 2004 | 8.309 | 11,5 |
| 1984 | 2.596 | 4,2 | 2005 | 8.361 | 11,3 |
| 1985 | 2.908 | 4,7 | 2006 | 8.414 | 11,2 |
| 1986 | 3.134 | 5 | 2007 | 8.166 | 12,1 |
| 1987 | 3.396 | 5,4 | 2008 | 8.433 | 12,7 |
| 1988 | 3.422 | 5,3 | 2009 | 8.393 | 13 |
| 1989 | 4.456 | 6,9 | 2010 | 8.686 | 13,8 |
| 1990 | 5.004 | 7,7 | 2011 | 8.894 | 14 |
| 1991 | 4.674 | 7,1 | 2012 | 10.155 | 15,9 |
| 1992 | 4.165 | 6,4 | 2013 | 10.520 | 16,3 |
| 1993 | 4.782 | 7 | 2014 | 11.142 | 18,1 |
| 1994 | 5.168 | 7,5 | Total 80/14 | 218.580 | |
| 1995 | 5.925 | 8,5 | 1980-2003 | 174,2 | 300 |
| 1996 | 6.170 | 9,3 | 2003-2006 | 62,5 | -9,7 |
| 1997 | 6.645 | 9,9 | 2006-2011 | 6,8 | 25 |
| 1998 | 7.181 | 10,5 | 2011-2014 | 21,1 | 29,5 |
| 1999 | 7.355 | 10,6 | 1980-2014 | 476,4 | 485 |
| 2000 | 8.132 | 11,9 | | | |

Fonte: Mapa da Violência (2015)

⁶ Cerqueira et al (2013).

Gráfico 1. Evolução da taxa de homicídios de crianças e adolescentes. Brasil, 1980-2014



Fonte: Mapa da Violência (2015)

A violência homicida flutua ao longo do ciclo da vida de crianças e adolescentes. A Tabela 2 revela taxas relativamente altas de violência intencional no primeiro ano de vida (3,7 por 100 mil). Esta taxa cai para menos de 1 por 100 mil a partir do terceiro ano de vida, mantendo-se nesse nível até os 12 anos de idade. A partir dos 12 anos, observa-se um crescimento acentuado que chega ao pico com 16 e 17 anos. Com 16 anos de idade, em 2014, foram vitimados 1.686 adolescentes: 4,6 por dia. Já as vítimas adolescentes com 17 anos de idade somaram 2.267: 6,2 por dia.

Vale notar que o Brasil passou recentemente por um debate controverso sobre a diminuição da maioridade penal de 18 para 16 anos de idade. No entanto, este debate não leva em consideração que é justamente a população desta faixa etária a que mais sofre com a violência homicida. A redução da maioridade penal responsabiliza pelo problema da violência justamente aqueles que são as suas principais vítimas.

Tabela 2. Número e taxas (por 100 mil) de homicídio de crianças e adolescentes, por idades simples. Brasil, 2014

| Idade | Homicídio | |
|-------|-----------|------|
| | N | Taxa |
| 0 | 96 | 3,7 |
| 1 | 44 | 1,7 |
| 2 | 26 | 1 |
| 3 | 19 | 0,7 |
| 4 | 25 | 0,9 |
| 5 | 18 | 0,7 |
| 6 | 31 | 1,1 |
| 7 | 26 | 0,9 |
| 8 | 21 | 0,7 |
| 9 | 21 | 0,7 |
| 10 | 22 | 0,7 |
| 11 | 23 | 0,8 |
| 12 | 54 | 1,7 |
| 13 | 175 | 5,4 |
| 14 | 465 | 13 |
| 15 | 905 | 25,7 |
| 16 | 1.686 | 48 |
| 17 | 2.267 | 64,5 |
| 18 | 2.591 | 72,4 |
| 19 | 2.627 | 77,9 |

Fonte: Mapa da Violência (2015)

A distribuição geográfica dos homicídios também é muito diversificada, com grandes diferenças de incidência entre os estados. Alagoas, por exemplo, apresenta uma taxa de 41,8 homicídios de crianças e adolescentes por 100 mil. Já Santa Catarina tem uma taxa de 7,2, equivalente à média global e três vezes menor que a média nacional. Além disso, há seis estados nordestinos entre os mais violentos do país. São eles: Alagoas, Ceará, Rio Grande do Norte, Sergipe, Paraíba e Bahia.

Tabela 3. Número e taxas de homicídio (por 100 mil) de crianças e adolescentes (0 a 19 anos de idade), por unidade da federação e região. Brasil, 2014

| Estado | N | Taxa (100 mil) |
|---------------|---------------|----------------|
| AL | 502 | 41,8 |
| CE | 1.129 | 39,6 |
| ES | 433 | 37,3 |
| RN | 346 | 32,3 |
| RR | 50 | 26,5 |
| SE | 193 | 25,5 |
| DF | 218 | 25,4 |
| PB | 316 | 24,9 |
| RJ | 1.068 | 24,7 |
| BA | 1.197 | 24,4 |
| GO | 482 | 24,2 |
| AP | 66 | 21,8 |
| PE | 600 | 20,4 |
| PA | 608 | 19,9 |
| MT | 181 | 17,7 |
| MS | 135 | 16,8 |
| MG | 910 | 15,3 |
| PR | 473 | 14,8 |
| AM | 205 | 13,4 |
| TO | 70 | 13,3 |
| MA | 356 | 13,2 |
| PI | 138 | 12,6 |
| AC | 40 | 11,9 |
| RS | 339 | 11,5 |
| RO | 67 | 11,3 |
| SP | 888 | 7,4 |
| SC | 132 | 7,2 |
| Brasil | 11.142 | 18,1 |

Fonte: Mapa da Violência (2015)

Um outro elemento a ser destacado é a prevalência de vítimas do sexo masculino. Essa tendência não é diferente daquela observada em outros países do mundo. De fato, 92% das vítimas, na faixa de 0 a 19 anos de idade, pertencem ao sexo masculino, como mostra a Tabela 4. A proporção de homens vítimas aumenta significativamente a partir dos 13 anos de idade, chegando a representar 95% das vítimas com mais de 17 anos de idade.

Tabela 4. Número e taxas de homicídio (por 100 mil) de crianças e adolescentes (0 a 19 anos de idade), por sexo. Brasil, 2014

| Idade | Sexo | | Masculino |
|--------------|---------------|------------|--------------|
| | M | F | |
| 0 | 60 | 35 | 63,2% |
| 1 | 23 | 21 | 52,3% |
| 2 | 14 | 12 | 53,8% |
| 3 | 12 | 7 | 63,2% |
| 4 | 15 | 10 | 60,0% |
| 5 | 9 | 9 | 50,0% |
| 6 | 17 | 14 | 54,8% |
| 7 | 14 | 12 | 53,8% |
| 8 | 11 | 10 | 52,4% |
| 9 | 11 | 10 | 52,4% |
| 10 | 9 | 13 | 40,9% |
| 11 | 14 | 9 | 60,9% |
| 12 | 33 | 21 | 61,1% |
| 13 | 132 | 43 | 75,4% |
| 14 | 383 | 82 | 82,4% |
| 15 | 811 | 93 | 89,7% |
| 16 | 1.577 | 109 | 93,5% |
| 17 | 2.155 | 112 | 95,1% |
| 18 | 2.463 | 128 | 95,1% |
| 19 | 2.482 | 145 | 94,5% |
| Total | 10.245 | 895 | 92,0% |

Fonte: Mapa da Violência (2015)

Há também uma enorme seletividade racial desses homicídios. O número de crianças e adolescentes negros assassinados é três vezes maior do que o de brancos, considerando o tamanho relativo das respectivas populações. A Tabela 5 e os Gráficos 2, 3 e 4 colocam em evidência a enorme disparidade de vítimas brancas e negras.⁷ Em 2014, 2.089 crianças e adolescentes brancos e 8.249 negros morreram vítimas de homicídio. A taxa de homicídios de brancos foi de 8 por 100 mil e a de negros, 23,6 por 100 mil. Considerando o tamanho dessas duas populações, morreram 195,3% mais negros do que brancos.

O cruzamento dos dados raciais com os geográficos revela um cenário ainda mais complexo. Os estados de Paraná, Goiás e Rio de Janeiro destacam-se por sua elevada taxa de homicídios de crianças e adolescentes brancos: acima de 13 por 100 mil. No outro extremo da escala, em Piauí, morre menos de 1 criança/adolescente por 100 mil; e em Roraima, em 2014, nenhuma morreu. Alagoas apresenta taxas de homicídio de crianças e jovens negros altamente preocupantes: 55,9 homicídios por 100 mil. As taxas no Espírito Santo e no Rio Grande do Norte superam a faixa de 46 homicídios por 100 mil.

Em suma, os índices de vitimização de crianças e adolescentes negros são extremamente elevados.⁸ O Piauí apresenta a maior diferença, com 1.878% de vitimização de negros. Em outras palavras, morrem, proporcionalmente, quase 20 crianças e adolescentes negros para cada branco. Um cenário similar pode ser observado em Alagoas, em que as taxas de homicídios de brancos é de 3,8 por 100 mil e a de negros 55,9. O índice de vitimização desse último grupo é 1.377%, ou seja, morrem quase 15 crianças e adolescentes negros para cada vítima branca.

7 A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD/IBGE) foi utilizada como fonte para categorizar a população por raça e cor no cálculo dessas taxas. O dado é coletado numa amostra nacional, com representatividade por unidade da federação e por autoclassificação do entrevistado, que deve escolher uma entre cinco opções no que se refere à cor: branca, preta, parda, amarela ou indígena. No quesito raça/cor, tanto o Sistema de Informação sobre Mortalidade do Ministério da Saúde quanto o IBGE utilizam cinco categorias de cor: branca, preta, parda, amarela ou indígena. No entanto, nesta análise, utilizamos só duas categorias: brancos e negros, esta última, resultante do somatório de pretos e pardos.

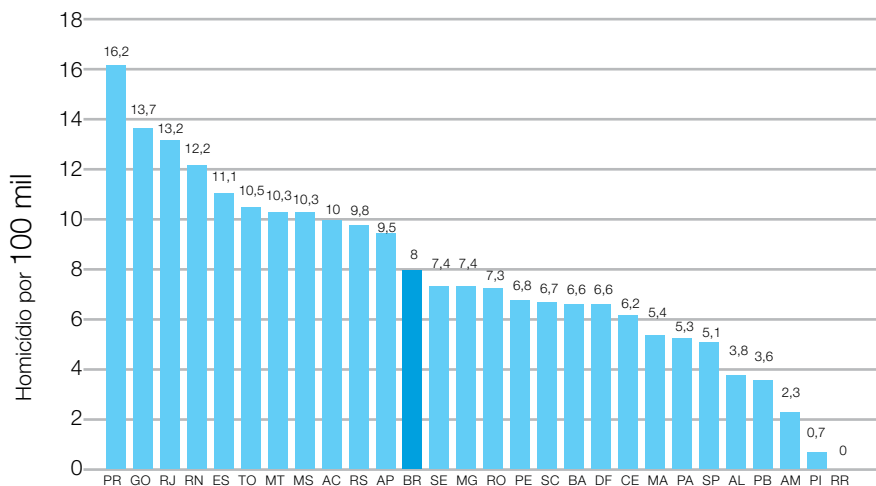
8 O índice de vitimização da população negra é calculado pela relação entre as taxas de vítimas brancas e vítimas negras, indicando a proporção de vítimas negras sobre vítimas brancas.

Tabela 5. Número e taxas de homicídio (por 100 mil) de crianças e adolescentes (0 a 19 anos) segundo cor e % de vitimização negra, por região e unidade da federação. Brasil, 2013.

| Estado/Região | Número | | Taxa | | Vitimização |
|---------------------|--------------|--------------|-------------|-------------|--------------|
| | Branca | Negra | Branca | Negra | |
| Acre | 7 | 32 | 10 | 12,9 | 28,8 |
| Amapá | 7 | 55 | 9,5 | 24,1 | 155,1 |
| Amazonas | 8 | 186 | 2,3 | 16,3 | 607,8 |
| Pará | 30 | 571 | 5,3 | 23,4 | 343,2 |
| Rondônia | 13 | 53 | 7,3 | 12,8 | 76,6 |
| Roraima | 0 | 13 | 0 | 9,5 | |
| Tocantins | 12 | 58 | 10,5 | 14,2 | 35 |
| Norte | 77 | 968 | 5,5 | 19,3 | 250 |
| Alagoas | 13 | 478 | 3,8 | 55,9 | 1.376,9 |
| Bahia | 63 | 1.103 | 6,6 | 28,2 | 330,3 |
| Ceará | 56 | 557 | 6,2 | 28,6 | 358,8 |
| Maranhão | 27 | 322 | 5,4 | 14,8 | 171,9 |
| Paraíba | 17 | 271 | 3,6 | 34,6 | 859,8 |
| Pernambuco | 68 | 517 | 6,8 | 26,9 | 295,3 |
| Piauí | 2 | 114 | 0,7 | 14,1 | 1.877,5 |
| Rio Grande do Norte | 57 | 276 | 12,2 | 46,1 | 277,2 |
| Sergipe | 14 | 178 | 7,4 | 31,5 | 325,2 |
| Nordeste | 317 | 1.816 | 6,2 | 28,1 | 353 |
| Espírito Santo | 43 | 369 | 11,1 | 48 | 331,4 |
| Minas Gerais | 176 | 717 | 7,4 | 20,4 | 176,8 |
| Rio de Janeiro | 243 | 818 | 13,2 | 33,1 | 149,8 |
| São Paulo | 365 | 509 | 5,1 | 10,8 | 112,6 |
| Sudeste | 827 | 1.213 | 7 | 21 | 200,1 |
| Paraná | 349 | 120 | 16,2 | 11,7 | -27,8 |
| Rio Grande do Sul | 224 | 102 | 9,8 | 15,4 | 56,7 |
| Santa Catarina | 102 | 28 | 6,7 | 9 | 34,1 |
| Sul | 675 | 250 | 11,3 | 12,5 | 10,3 |
| Distrito Federal | 23 | 192 | 6,6 | 38,1 | 480,5 |
| Goiás | 103 | 376 | 13,7 | 30,6 | 123,3 |
| Mato Grosso | 28 | 148 | 8 | 22 | 173,2 |
| Mato Grosso do Sul | 39 | 86 | 10,3 | 20,6 | 100,4 |
| Centro-oeste | 193 | 802 | 10,6 | 28,4 | 169,2 |
| Brasil | 2.089 | 8.249 | 8 | 23,6 | 195,3 |

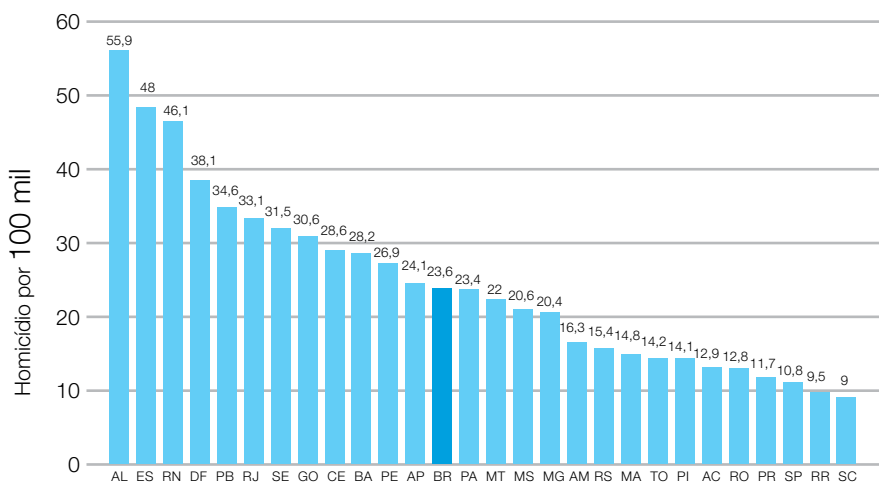
Fonte: Mapa da Violência (2015)

Gráfico 2. Unidades da federação segundo taxas de homicídios de crianças e adolescentes brancos. Brasil, 2014



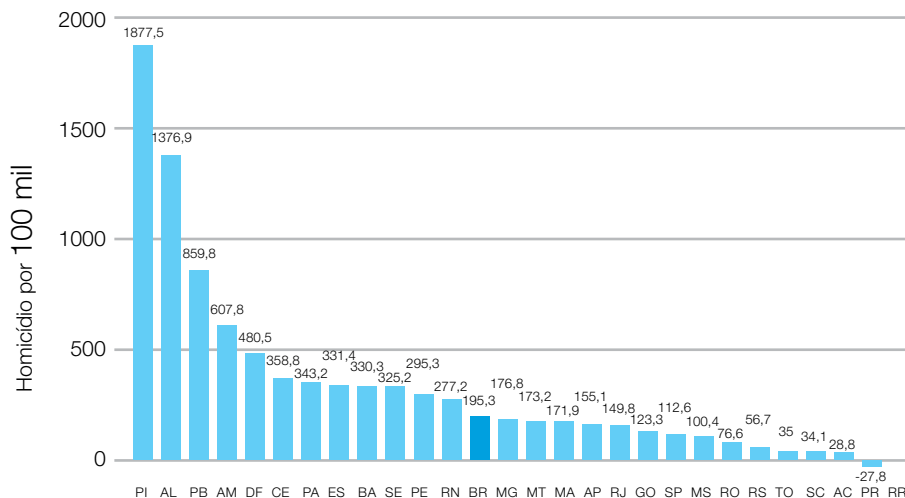
Fonte: Mapa da Violência (2015)

Gráfico 3. Unidades da federação segundo taxas de homicídios de crianças e adolescentes negros. Brasil, 2014



Fonte: Mapa da Violência (2015)

Gráfico 4. Índices de vitimização de crianças e adolescentes negros. Brasil, 2014



Fonte: Mapa da Violência (2015)

A taxa de homicídio de crianças e adolescentes está entre as mais altas do mundo.⁹ Como mostra a Tabela 6, o Brasil está entre os 10 países mais violentos do mundo para todas as faixas etárias, salvo na faixa dos 5 aos 9 anos de idade, para a qual a taxa do país é de 0,7 homicídios por 100 mil crianças e adolescentes. Nas faixas de <1 a 4 anos de idade a situação piora: o Brasil ocupa a 7ª posição internacional. Nas faixas de 10 a 19 anos de idade (assim como no conjunto de <1 aos 19 anos) o Brasil ocupa o 3º lugar, só precedido pelo México e El Salvador.

A posição do Brasil no contexto internacional é um importante indicador da gravidade do problema, e contrasta dramaticamente com nações que não registram homicídio algum, como Dinamarca, Escócia, Eslovênia, Suíça e outros. A taxa do Brasil de 54,9 por 100 mil jovens de 15 a 19 anos de idade é 275 vezes maior do que a de países como Áustria, Japão, Reino Unido ou Bélgica (com taxas de 0,2 homicídios por 100 mil), e 183 vezes maior que as taxas da Coreia, da Alemanha ou do Egito.

⁹ Para construir um referente do contexto internacional, foram utilizadas as bases de dados de mortalidade da OMS.

Tabela 6. Taxas de homicídio (por 100 mil) de crianças e adolescentes segundo faixas etárias em alguns países do mundo.

< 1 ano

| País | Ano | Taxa | Pos. |
|----------------|------|------|------|
| Israel | 2012 | 20,9 | 1º |
| Estônia | 2012 | 13,8 | 2º |
| México | 2012 | 10,9 | 3º |
| Chipre | 2012 | 9,9 | 4º |
| Estados Unidos | 2010 | 7,9 | 5º |
| Uruguai | 2010 | 6,7 | 6º |
| Brasil | 2013 | 6 | 7º |
| El Salvador | 2012 | 5,7 | 8º |
| Nova Zelândia | 2011 | 4,8 | 9º |
| Bulgária | 2012 | 4,7 | 10º |

1 a 4 anos de idade

| País | Ano | Taxa | Pos. |
|------------------|------|------|------|
| Suriname | 2012 | 2,5 | 1º |
| Irlanda do Norte | 2013 | 2 | 2º |
| México | 2012 | 1,7 | 3º |
| Canadá | 2011 | 1,4 | 4º |
| Sérvia | 2013 | 1,1 | 5º |
| Porto Rico | 2010 | 1,1 | 6º |
| Brasil | 2013 | 0,9 | 7º |
| Estados Unidos | 2010 | 0,9 | 8º |
| Lituânia | 2012 | 0,8 | 9º |
| Jordânia | 2011 | 0,5 | 10º |

5 a 9 anos

| País | Ano | Taxa | Pos. |
|----------------|------|------|------|
| Ilhas Cayman | 2010 | 31,2 | 1º |
| México | 2012 | 2,4 | 2º |
| Colômbia | 2011 | 1 | 3º |
| Rep. da Coreia | 2012 | 0,9 | 4º |
| Panamá | 2012 | 0,9 | 5º |
| Costa Rica | 2012 | 0,8 | 6º |
| Belgica | 2012 | 0,8 | 7º |
| Hungria | 2013 | 0,8 | 8º |
| Lituânia | 2012 | 0,7 | 9º |
| Brasil | 2013 | 0,7 | 10º |

10 a 14 anos

| País | Ano | Taxa | Pos. |
|-------------|------|------|------|
| México | 2012 | 12,4 | 1º |
| El Salvador | 2012 | 6,9 | 2º |
| Brasil | 2013 | 4,3 | 3º |
| Guatemala | 2012 | 3,8 | 4º |
| Panamá | 2012 | 3,7 | 5º |
| Colômbia | 2011 | 3,7 | 6º |
| Guiana | 2011 | 2,8 | 7º |
| Porto Rico | 2010 | 2,2 | 8º |
| Suriname | 2012 | 1,8 | 9º |
| Peru | 2012 | 1,2 | 10º |

15 a 19 anos

| País | Ano | Taxa | Pos. |
|-------------------------|------|------|------|
| México | 2012 | 95,6 | 1º |
| El Salvador | 2012 | 55,8 | 2º |
| Brasil | 2013 | 54,9 | 3º |
| Colômbia | 2011 | 49,3 | 4º |
| Panamá | 2012 | 39,7 | 5º |
| Porto Rico | 2010 | 31,5 | 6º |
| Guatemala | 2012 | 29,6 | 7º |
| África do Sul | 2013 | 14,4 | 8º |
| S. Vicente e Granadinas | 2013 | 11,1 | 9º |
| Guadalupe | 2011 | 10,3 | 10º |

0 a 19 anos

| País | Ano | Taxa | Pos. |
|---------------|------|------|------|
| México | 2012 | 26,7 | 1º |
| El Salvador | 2012 | 17,5 | 2º |
| Brasil | 2013 | 16,9 | 3º |
| Colômbia | 2011 | 14,3 | 4º |
| Panamá | 2012 | 10,8 | 5º |
| Porto Rico | 2010 | 9,7 | 6º |
| Guatemala | 2012 | 8,6 | 7º |
| Ilhas Cayman | 2010 | 7,6 | 8º |
| África do Sul | 2013 | 3,4 | 9º |
| Uruguai | 2010 | 3,3 | 10º |

Considerações finais

O problema de homicídios no Brasil ainda piorará. Segundo o Censo de 2010, o país tem 35,6 milhões de crianças com menos de 12 anos de idade e 24 milhões de adolescentes entre 12 e 18 anos. Isso significa que aproximadamente um terço da população nacional tem até 18 anos de idade. Ao mesmo tempo, o número absoluto de homicídios de crianças e adolescentes aumentou em 476,4%, e a taxa, em 485%.

Apesar deste crescimento impressionante, não se observou comoção por parte da opinião pública. Há relativa tolerância e banalização da violência contra crianças e jovens neste país. Os esforços para diminuir a maioria penal seguem certa tendência em culpar as vítimas. A violência – em especial quando envolve jovens negros e pobres – é aceita, e até mesmo vista como necessária em alguns casos. Essa aceitação é observada inclusive entre instituições estatais cuja responsabilidade principal é a segurança e o cuidado dos cidadãos brasileiros.

Enquanto todas as vidas são igualmente preciosas, é importante destacar as vulnerabilidades específicas dos adolescentes brasileiros. Aqueles que têm entre 16 e 17 anos, ou 1,8% da população do país, são os que têm mais risco de serem mortos. Ao mesmo tempo, são também o eixo de controvérsias em torno das discussões sobre a maioria penal no Congresso Nacional. O apoio por parte de setores da população a essa medida é preocupante. Especialmente quando consideramos a realidade cada vez mais complexa e violenta desses jovens.

Referências

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censos demográficos 2000 e 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/>.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA (UNICEF). (1995). *Retrato estatístico das mortes de crianças e jovens por causas violentas: Brasil 1979-1993*. Brasília.

MELLO JORGE, M.H.P. (1998). Como morrem nossos jovens. Em: *Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*. Brasília: CNPD.

MICHAUD, Y. (1989). *A violência*. São Paulo: Ática.

MINAYO, M. C. (1994). A violência social sob a perspectiva da saúde pública. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 10, n. 1.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (MS). DATASUS/SVS/MS. Disponível em: <http://datasus.saude.gov.br/>.

PORTO, M. S. G. (1997). A violência entre a inclusão e a exclusão social. *Anais do VII Congresso Sociedade Brasileira de Sociologia*. Brasília, ago.

RAMOS de SOUZA et. al. (1996). Qualidade da informação sobre violência: um caminho para a construção da cidadania. *INFORMARE - Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, jan./jun.

US CENSUS BUREAU, Disponível em: <http://www.census.gov/ipc/www/idb/summaries.html>. Acesso em: jul.2015.

VERMELHO, L. L.; MELLO JORGE, M. H. P. (1996). Mortalidade de jovens: análise do período de 1930 a 1991 (a transição epidemiológica para a violência). *Revista de Saúde Pública*, v. 30, n. 4. *Apud* MELLO JORGE, M.H.P. (1998). Como morrem nossos jovens. Em: *Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*. Brasília: CNPD.

Waiselfisz, J. J. (2015). *Mapa da violência 2015. Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil*. Brasília: Flacso Brasil.

_____. (2014). *Mapa da Violência 2014. Os jovens do Brasil*. Flacso Brasil; Secretaria de Políticas de Promoção de Igualdade Racial; Secretaria Nacional de Juventude; Secretaria Geral da Presidência da República.

_____. (1998). *Mapa da violência. Os jovens do Brasil*. Brasília: UNESCO/Instituto Ayrton Senna.

WIEVIORKA, M. (1997). O novo paradigma da violência. *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, n. 1, v. 9.

As **Notas de Homicídios** são uma série de artigos curtos que destacam os riscos e consequências a longo prazo dos assassinatos, a forma como os governos contabilizam esse problema e as estratégias inovadoras para prevenir e reduzir a violência letal intencional. As Notas de Homicídios são do Observatório de Homicídios, uma ferramenta de visualização de dados desenvolvida pelo Instituto Igarapé em parceria com a Open Society Foundations (OSF) e pelo Peace Research Institute Oslo (PRIO), com colaboração do Escritório das Nações Unidas para as Drogas e o Crime (UNODC).



IGARAPÉ INSTITUTE
a think and do tank



OPEN SOCIETY
FOUNDATIONS

Visite o site do Observatório de Homicídios
homicide.igarape.org.br



INSTITUTO IGARAPÉ
a think and do tank

O Instituto Igarapé é um think and do tank independente, dedicado às agendas da segurança, da justiça e do desenvolvimento. Seu objetivo é propor soluções inovadoras a desafios sociais complexos, por meio de pesquisas, novas tecnologias, influência em políticas públicas e articulação. O Instituto atualmente trabalha com cinco macrotemas: (i) política sobre drogas nacional e global; (ii) segurança cidadã; (iii) cidades seguras; (iv) consolidação da paz; e (v) segurança cibernética. O Instituto Igarapé tem sede no Rio de Janeiro, com representação em Bogotá, Cidade do México, Washington DC e outras partes do mundo.

Editores:

Robert Muggah, Renata Giannini e Katherine Aguirre

Layout:

Raphael Durão - STORM.pt

ISSN 2359-0998

Notas de Homicídios anteriores

Notas de Homicídios 3

Qual é a relação entre o crime organizado e os homicídios na América Latina?

Juan Carlos Garzón-Vergara

Junho 2016

Notas de Homicídios 2

Tendências e projeções globais sobre homicídios, 2000 a 2030

Carlos J. Vilalta

Novembro 2015

Notas de Homicídios 1

Como reduzir os homicídios em 50% nos próximos 30 anos

Manuel Eisner

Agosto 2015



Notas de Homicídios 4



INSTITUTO IGARAPÉ

a think and do tank

Rua Miranda Valverde, 64

Botafogo, Rio de Janeiro – RJ – Brasil - 22281-000

Tel/Fax: +55 (21) 3496-2114

contato@igarape.org.br

facebook.com/institutoigarape

twitter.com/igarape_org